

O Gabinete de Leitura (1837-1838) e a formação de um público leitor de ficção

Ms. Maria Angélica Lau P. Soares¹ (USP)

Resumo:

Implícita no título do periódico, a disseminação da leitura de ficção se configura como um dos principais objetivos propostos em sua nota introdutória. O estudo de determinados aspectos da relação que o periódico estabelece com seu leitorado, à luz de seu contexto histórico, nos permite compreender de forma mais abrangente esse período embrionário do romance no Brasil.

Palavras-chave: periódicos; prosa de ficção; público leitor; Brasil; século XIX.

Justiniano José da Rocha, num artigo d’*O Chronista*, jornal do qual era redator, nos dá um testemunho de sua experiência longe do Brasil, época em que estudou em colégios franceses. Segundo ele, quem nunca esteve distante não sabe:

(...) como o sentimento do amor da pátria se enraíza em nossos corações, como eles palpitam quando ouvimos algum som da língua que primeiro balbuciamos, como se nos arrasam de lágrimas os olhos quando alguma cousa exterior nos lembra a pátria, quando vemos nos jardins públicos a planta de nossa terra, e de nossa afeição, quando nas cartas dos pais, recebemos notícias de que há longe de nós, quem por nós se interesse (...)

Todavia,

Se depois, quando voltamos, pela comparação de nosso atraso, e do progresso da civilização que deixamos, nossa alma como que se encolhe, e se entristece, passada essa primeira impressão, que sentimentos tão nobres nos inflamam, como anelamos elevar quanto pudermos o ídolo de nossos cultos à altura em que o supúnhamos, em que o ideávamos!¹(*O Chronista*, 8/04/1837)

Não é de todo impossível imaginar que a mesma percepção do “atraso” do nosso país em relação ao “progresso da civilização” européia foi experimentada por Domingos José Gonçalves de Magalhães, Manuel Araújo Porto Alegre e João Manuel Pereira da Silva ao desembarcarem em terras brasileiras em meados de 1837, vindos da Europa. Por certo, compartilharam o mesmo sentimento de Justiniano de que algo tinha de ser feito. E foi nas páginas dos periódicos que esses jovens homens de letras encontraram o meio privilegiado para empreender as mudanças que acreditavam serem necessárias — influir no acanhado meio sócio-cultural brasileiro.

Suas armas foram a pena e as páginas de seus jornais². Quem as percorre observa sua diligência em utilizar todo e qualquer espaço nelas disponível para publicar artigos que chamassem a atenção dos cidadãos e, por certo, dos políticos para os problemas da nação. A escassez de leitores, contudo, tornava a empreitada difícil. Especialmente porque dentre as múltiplas tarefas que a si delegaram estava a de dotar a nação de uma literatura que exprimisse o que tínhamos de original. Para que

¹ Somente a ortografia foi atualizada, preservou-se a pontuação. O mesmo vale para citações futuras.

² Justiniano José da Rocha, Josino do Nascimento Silva e Firmino Rodrigues da Silva eram os redatores de *O Chronista* (1836-1839). Gonçalves de Guimarães, Porto Alegre e Pereira da Silva eram colaboradores do *Jornal dos Debates Políticos e Litterarios* (1837-1838), cujo redator era Francisco Salles Torres Homem.

a estratégia por eles escolhida para combater os males da nação fosse bem sucedida, era fundamental que houvesse um público leitor. Cabia, portanto, formá-lo.

O *Gabinete de Leitura, Serões das Famílias Brasileiras, Jornal para todas as classes, sexos e idades* surgiu do esforço conjunto de alguns desses jovens que desejavam fazer da leitura um hábito diário nos lares brasileiros. O periódico semanal era publicado na Corte do Rio de Janeiro pela Typographia Commercial, situada na rua do Hospício n. 66, pertencente a Josino do Nascimento Silva. Apesar de sua curta duração — ao todo foram 35 números, publicados de 13 de agosto de 1837 a 8 de abril de 1838, sua importância reside no fato de ter sido quase que exclusivamente dedicado à prosa ficcional num período de formação de nossa prosa literária. Em suas 8 páginas de três colunas, a prosa de ficção se misturava às crônicas, poesias, anedotas e curiosidades das seções “Miscelânea” e “Variedades”. Ao longo de seus nove meses de existência, o *Gabinete de Leitura* dedicou mais de três quartos de suas 280 páginas à publicação de textos ficcionais. Ao todo foram publicados 92 títulos de prosa de ficção, dentre eles 14 nacionais. Nossa carência cultural, contudo, obrigou-os a buscar nos periódicos estrangeiros, principalmente franceses e ingleses, as histórias e artigos que acreditavam serem capazes de desempenhar a tripla tarefa de entreter, instruir e edificar.

No prefácio do *Gabinete de Leitura* é possível verificar algumas das linhas mestras que nortearam sua publicação, assim como certos aspectos das condições de produção e recepção culturais à época:

O que é um gabinete de leitura? É a casa em que cada um vai, por módico estipêndio, entregar-se a seus gostos; — é um foco de instrução; — é a livraria do povo, desses a quem não abundam meios de pagar por um livro preço excessivo, e que todavia podem dar 2\$000 rs. por mês para lerem quanto puderem. — O que será o GABINETE DE LEITURA, — jornal? — O mesmo que aquele: aqui por módico estipêndio, haverá artigos talhados para todos os gostos, — não será um foco de instrução, que tanta filáucia não temos nós que queiramos instruir, mas ao menos com artigos divertidos irá preparando o gosto da leitura longa e refletida. Acham-se nos gabinetes de leitura muita coisa boa, muita coisa sofrível, e muita coisa ruim, o mesmo nos acontecerá, mas como a classificação será feita pelo leitor, temos que nem um dos nossos artigos será bom ou ruim.

Ora, pois, aqui abrimos nossa casa, e assim como o proprietário do gabinete de leitura não é o autor das obras que aluga, assim também nós apenas seremos como ele, o arranjador dos artigos em seus devidos lugares.

Prometemos...mas para que promessas? Faremos por agradar ao público, que nisso vai nosso interesse, e trabalharemos para dar aos nossos leitores uma meia hora de ociosidade divertida. (**Gabinete de Leitura**, N.1, 13/08/1837)

Talvez sob inspiração do Real Gabinete Português de Leitura, inaugurado na corte do Rio de Janeiro em maio daquele ano, o prefácio inicia-se ensinando ao leitor o que é um gabinete de leitura. De caráter ao mesmo tempo comercial e cultural, esses estabelecimentos propiciavam aos seus subscritores acesso aos livros, sem que houvesse a necessidade de compra. Assim, ao estabelecer a similaridade entre o título do periódico e a instituição gabinete de leitura, os redatores remetiam-se ao que havia de mais moderno em termos de facilitação de acesso à leitura na época.

Outro fator que diferenciava os gabinetes de leitura das bibliotecas é que, nessas, a consulta e leitura somente eram consentidas dentro de suas dependências, enquanto que os gabinetes de leitura permitiam a seus subscritores levarem os livros para casa. Sob esta nova condição, a leitura poderia ser feita de maneira silenciosa e individualizada, no aconchego e privacidade do quarto, por exemplo, assim como em voz alta para alguém ou para um grupo de ouvintes — a família, amigos, vizinhos, escravos e mucamas. Dessa forma, a leitura de romances e novelas compartilhada pelo grupo

familiar e de amigos passaria a ser uma alternativa para preencher aquelas horas vagas após o jantar, o merecido descanso dos afazeres diários — os “serões das famílias”, como anuncia o subtítulo do periódico. José de Alencar nos remete a uma dessas reuniões nas quais a leitura era partilhada entre ele, os seus familiares e amigos, quando não havia **visitas de cerimônia**:

Era eu quem lia (...) não somente as cartas e os jornais, como os volumes de uma diminuta livraria romântica formada ao gosto do tempo (...). Não havendo visitas de cerimônia, sentava-se minha boa mãe e sua irmã d. Florinda com os amigos que apareciam, ao redor de uma mesa redonda de jacarandá, no centro da qual havia um candeeiro (...). Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra (...). Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso, as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido. (...) Foi essa leitura contínua e repetida de novelas e romances que primeiro imprimiu em meu espírito a tendência para essa forma literária que é entre todas a de minha predileção (...). Nosso repertório romântico era pequeno: acompanhava-se de uma dúzia de obras, entre as quais primavam a *Amanda e Oscar*, *Saint-Clair das Ilhas*, *Celestina* e outros de que já não me recordo. Esta mesma escassez, e a necessidade de reler uma e muitas vezes o mesmo romance, quiçá contribuiu para mais gravar em meu espírito os moldes dessa estrutura literária. (ALENCAR, 1990. pp.24-30).

Esse conhecido relato memorialista de um de nossos maiores romancistas ilustra bem o tipo de público leitor que os redatores do *Gabinete de Leitura* tinham em mente quando lançaram o periódico: um público que provavelmente passaria a utilizar a leitura de ficção como um momento de convívio social, motivo para conversas entre os membros da família e amigos. Fornece também algumas pistas sobre as práticas de leitura, tais como o leitor de oitiva, importante componente do leitorado numa época em que poucos sabiam ler, e a releitura de obras, uma vez que a quantidade de livros disponíveis na maioria dos domicílios era pequena.

Outro aspecto presente no prefácio do *Gabinete de Leitura* é o de ordem econômica. Assim como os gabinetes de leitura, referidos no prefácio como “a livraria do povo”, o periódico visava alcançar o leitor que não tivesse condições financeiras para adquirir livros.

O preço da subscrição estampado nas páginas do *Gabinete de Leitura* e nos sucessivos anúncios que apareceram n’*O Chronista* era de 2\$400 réis por trimestre, 4\$000 réis por semestre e 6\$000 réis por ano. O leitor, na verdade, gastaria a soma de 800 réis mensais para adquirir um periódico dedicado à ficção e variedades. Para aqueles que não quisessem fazer a subscrição, o exemplar avulso do *Gabinete de Leitura* poderia ser adquirido pelo preço de 200 réis³.

Os livros, por sua vez, eram caros e de difícil acesso, especialmente para quem residia longe dos centros comerciais ou no interior da província. Daí a importância de se publicar um periódico barato, de circulação ampla (imagina-se que certamente era o que os redatores almejavam) e com maior chance, assim, de chegar às mãos dos leitores.

Para uma comparação entre o preço dos livros e do periódico, usarei como parâmetro o relatório da Província do Rio de Janeiro (sem título) de outubro de 1837, escrito pelo vice-presidente da província, Vaz Vieira.⁴ De acordo com esse documento, um professor municipal “de primeiras le-

³ Essa informação não consta nas páginas do *Gabinete de Leitura*, mas pode ser encontrada nos vários anúncios do periódico que saíram n’*O Chronista*, como por exemplo, n’*O Chronista* n. 90, de 23 de agosto de 1837.

⁴ Esse relatório pode ser encontrado no endereço eletrônico da Universidade de Chicago: <http://www.crl.edu/content/brazil/jain.htm>. Acesso: junho 2008.

tras” concursado da cidade do Rio de Janeiro recebia na época um salário anual de cerca de 600 mil réis. Assim sendo, para adquirir, por exemplo, os quatro volumes de *Os Puritanos da Escócia* de Walter Scott, anunciados nos jornais por 8 mil réis, esse professor despenderia 16% de sua renda mensal, enquanto que com 4.8%, receberia em sua casa semanalmente, durante um período de três meses, um periódico exclusivamente dedicado a textos ficcionais e variedades. Com o preço ao alcance do bolso do cidadão médio, os periódicos tinham maior chance de chegar às mãos do consumidor e, assim, conquistar a preferência popular.

De certa forma os redatores do *Gabinete de Leitura* cumpriram a promessa — a de publicar artigos divertidos que desenvolvessem no leitor “o gosto pela leitura longa e refletida”. As curtas narrativas dos primeiros números tornam-se paulatinamente mais extensas. Seguidas do famoso “continuar-se-á”, algumas chegam a ter quatro partes, como é o caso de “O Último Mouro de Granada – Crônica do Tempo de Felipe III”, de Alexandre de Lavergne. É a história mais longa do *Gabinete de Leitura* com um total de quase doze páginas.⁵

Jornais, livros e situações de leitura também se encontram presentes em algumas das histórias brasileiras do *Gabinete de Leitura*, como é o caso de “Uma Visita”, prosa de ficção anônima publicada em seu primeiro número. O narrador, um jovem jornalista, recebe a inesperada visita de conhecidos de seu pai, vindos da sua cidade natal no interior da província. O não nomeado **compadre** chega com a esposa, filhos, escravos e mucamas para passar alguns dias na cidade e, desabitado com os bons modos da Corte, resolve se hospedar na casa do rapaz. Desconcertado por ver sua casa invadida e o seu sossego perdido, o rapaz fica ainda mais irritado quando:

Os três filhos do compadre de meu pai lançaram-se como vândalos à minha livraria, e principiaram a transformá-la à cata de estampas, altercaram entre si, e os meus pobres livros, comprados tão caros aos irmãos Laemmert, pagaram as altercações. (*Idem*, N.1,13/08/1837)

Depois de muito falar sobre assuntos **da roça** que não interessavam ao jovem, o compadre acha um exemplar do *Jornal do Commercio* em cima da mesa da sala de estar e começa a **soletrar** os discursos dos deputados ali publicados. Quando o compadre vê um anúncio no jornal sobre uma exposição e expressa o desejo de visitá-la, o narrador comenta: “O compadre de meu pai, por infelicidade minha, havia deparado com o **maldito anúncio** do surucucu vivo, **que veio no Jornal do Commercio**” (grifos meus).

A citação de periódicos e de matérias neles publicadas também ocorre na anônima “Um Baile”. O narrador, também em primeira pessoa, anuncia a seu amigo, Júlio, que pretende ir ao baile do Catete. A narrativa é construída em forma de diálogo entre os dois rapazes que, entre citações de poemas e ditos jocosos, planejam a ida a um dos mais importantes eventos da Corte. Júlio, alegre e brincalhão, não entende por que seu amigo-narrador, tímido e menos sociável, deseja ir à festa já que este não gostava de dançar, recitar ou tocar um instrumento. Depois de longa conversa, Júlio decide acompanhar o amigo, dizendo:

— Está bom, está bom. És um original: vou empenhar-me para obter um bilhete, irei também ao baile, quanto menos para divertir-me à tua custa, e respirar o ar perfumado que respirou Carolina ao lado do seu ingrato amante. Não sei se te lembras da história que nos contou no GABINETE DE LEITURA o nosso amigo doutor.

— Bem me lembro. — E Júlio com a pressa que saiu, trocou de chapéu e em vez de levar o seu agarrou o meu, que certo lhe cobriria os olhos. (*Idem*, N. 17, 03/12/1837)

⁵ Publicada em 07, 14, 21 e 28 de janeiro de 1838.

Nos moldes de uma genuína heroína romântica, que morre tragicamente depois de abandonada pelo seu amante, Carolina é a protagonista de “Um Primeiro Amor”⁶ de Pereira da Silva, referido aqui de forma íntima pelos personagens da história como **o nosso amigo doutor**. Mais uma vez, o narrador estabelece um diálogo com o periódico e com seu público leitor — ao mesmo tempo em que anuncia a si mesmo como parte desse leitorado.

Algo semelhante ocorre em “Um Jantar no Campo”⁷, no qual o narrador em primeira pessoa, também um rapaz urbano, relata a experiência de jantar na casa de seu amigo, Florindo⁸. A continuação da história no número seguinte do periódico, com a evidente quebra da ação narrativa, inicia-se da seguinte forma:

— Então quando me dará v.m. o resto do artigo que mandou para o GABINETE, em que descrevia o seu jantar na casa do campo de seu amigo Florindo?

Tal foi a pergunta que me dirigiu o editor daquele jornal, e eu remexendo na imensidade de papéis, jornais, livros, etc., que tenho em cima da mesa e em roda de mim, puxei por uma comprida tira escrita de ambos os lados, e lha dei.

— Tende a bondade de ler.

— Sabeis que tínhamos ficado no precedente artigo, sentados todos à mesa, e que o sr. Bento com muito sangue frio atara seu guardanapo a uma das casas do colete.

A inserção da figura do editor como personagem integrante da narrativa e a nomeação do periódico, numa espécie de apêndice, quebram o fluxo narrativo e expõem certos aspectos do processo de criação ficcional e publicação. Não se pode desconsiderar também que, numa sociedade cuja taxa de analfabetismo era bastante alta, a “imensidade de papéis, jornais, livros, etc.”, que o narrador diz ter à sua volta, lhe confere um lugar privilegiado aos olhos de seus leitores.

Ao término da narrativa, o editor reaparece para comentar:

— **O Editor**. — Agora vejo, que v.m. enganou-se, eu queria um artigo original, e v.m. dá-me uma imitação de **Paul de Kock**.

— Pois então, meu amigo, diga isso mesmo para não me pilhareem com o furto nas unhas. (*Idem*, N.20, 24/12/1837, grifos do original)

Ao admitirem a **imitação** de um famoso autor francês da época, tanto o personagem/editor quanto o narrador/autor evidenciam não somente a condição de leitores de romances modernos, mas também o de possuidores de um conhecimento literário suficiente para um julgamento crítico.

Um ponto em comum de todas essas histórias é o de seus narradores serem cidadãos médios, urbanos, jovens e do sexo masculino. As referências à cultura letrada, com a menção de autores, livros e periódicos, lhes conferem certo *status* social que os distingue da massa da população brasileira da época, carente de educação básica. Seja no contraste com os habitantes da província ou com aqueles que ainda pensavam e agiam sob a influência da herança cultural do Brasil colonial, eles personificam elementos da nova geração que elege a leitura como um dos indicadores de sua modernidade.

⁶ *Idem*, N.13 (05/11/1837)

⁷ *Idem*, N.19 (17/12/1837), continua no N. 20 (24/12/1837)

⁸ Curiosidade: o “campo” aqui é o Cosme Velho.

Talvez seja possível levantar a hipótese de que a publicação do *Gabinete de Leitura* tenha sido parte de um processo iniciado por Josino do Nascimento Silva e Justiniano José da Rocha em *O Chronista*. Isso porque, logo em seus primeiros números, o jornal passa a publicar na seção “Parte Literária, Científica e Industrial” textos ficcionais e não ficcionais traduzidos⁹.

Em outubro de 1836, ao introduzir textos literários no rodapé do jornal, Justiniano justifica a empreitada ao expor os objetivos da nova seção:

Fazer aparecer em nossa população a primeira necessidade da civilização moderna — o desejo de ler, — dar-lhe incremento, e fomentá-lo, oferecer leitura que distraia das lidas da existência, das amofinações dos trabalhos, dos tédios da inocupação, eis o que temos em vista, eis o que esperamos conseguir.

Segundo Justiniano, a constante publicação de matéria literária pouco a pouco despertaria nos brasileiros “o desejo de ler” — um dos traços distintivos da “civilização moderna”.

Num momento efetivo de mudança cultural, a modesta “meia hora de ociosidade divertida” prometida pelos redatores de o *Gabinete de Leitura*, como se procurou mostrar neste trabalho, continha o mesmo empenho — o de formar um público leitor de ficção.

Referências Bibliográficas

- [1] ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1990.
- [2] FRANÇA, Jean M. de Carvalho. *Literatura e Sociedade no Rio de Janeiro Oitocentista*. Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1999.
- [3] *Gabinete de Leitura: Serões das famílias brasileiras, jornal para todas as classes, sexos e idades*. Rio de Janeiro. Typ. Commercial, 1837-1838.
- [4] *Jornal dos Debates Politicos e Litterarios*. Rio de Janeiro. Typ. E. J. Villeneuve e Comp. (03 mai - 02 ago 1837), Typ. de Cremiere (30 ago – 28 nov 1837), Typ. de L. A. Burgain (11 jan – 16 fev 1838), Typ. do Diario de N. L. Vianna (01 mar – 20 set 1838), 1837-1838.
- [5] LAJOLO, Marisa & Zilberman, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- [6] _____. *A Leitura Rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- [7] *Chronista*. Rio de Janeiro. Typ. Commercial, 1836-1839.
- [8] SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os Jardins das Delícias: Gabinetes Literários, Bibliotecas e Figurações da Leitura na Corte Imperial*. Tese de Doutorado, FFLCH / Universidade de São Paulo, 1999.
- [9] SOARES, Maria Angélica Lau P. *Visão da Modernidade: a presença britânica no Gabinete de Leitura (1837-1838)*. Dissertação de Mestrado, FFLCH/ Universidade de São Paulo, 2006.

⁹ “Werner – Episódio da guerra de Argel” de Napoleon d’Abrantes. (13/06/1836, ficção); “Geografia Antiga – Moyses – Homero (I)” de Alexandre Dumas. (20/06/1836, não ficcional); “A Luva misteriosa” de Balzac (20/06, 06/07 e 09/07/1836, ficção); “Vista d’olhos estatística e histórica sobre a metalurgia” de A. Perdonnet. (30/07/1836, não ficcional); “Pesca – Artigo geral e sumário” de M. Raymond. (20/08/1836, não ficcional); “Produção do açúcar nas Colônias e Índigenas: história do açúcar – Fundação e comércio das colônias atuais” (27/08/1936, só há a primeira parte). No acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro faltam os exemplares referentes a setembro de 1836.

[10] SOBRINHO, Barbosa Lima. *Os Precursores do Conto no Brasil*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1960.

¹ **Maria Angélica LAU P. SOARES, Ms.**
Universidade de São Paulo (USP)
E-mail angellau@ig.com.br